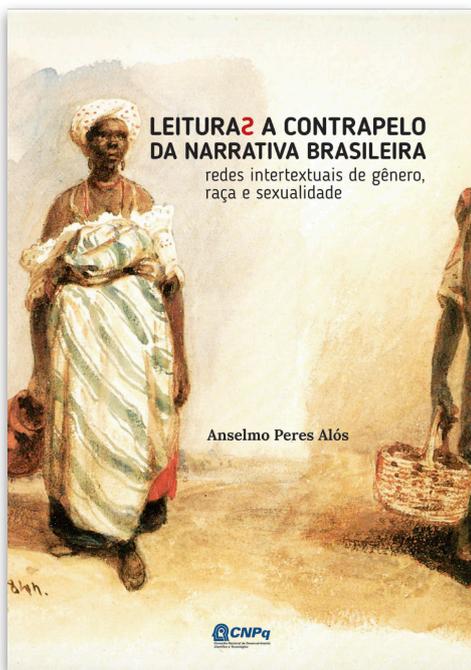




## RESENHAS

ALÓS, Anselmo Peres. **Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade**. Santa Maria: UFSM/PPGL; Brasília: CNPq, 2017.

Litiele Oestreich CARVALHO, *Universidade Federal de Santa Maria*



*Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade*<sup>1</sup> (2017), de Anselmo Peres Alós<sup>2</sup>, propõe uma discussão a respeito de marcas específicas de alteridade e subalternidade materializadas em obras literárias e fílmicas brasileiras em diferentes momentos históricos, envolvendo reflexões referentes a temáticas de gênero, raça e sexualidade. O livro funciona como uma espécie de guia de leituras que, como o autor defende, não receberam a devida importância em sua época em virtude do contexto cultural e político ao qual pertenciam, bem como da postura estética valorizada pelos diferentes períodos literários que acompanham

sempre o desenrolar histórico de um país. A experiência de leitura que se terá da obra é anunciada pela arte gráfica do título, que apresenta o “s” da palavra “leituras” invertido e em vermelho, indicando que o que será encontrado é uma revisão crítica de narrativas deixadas à margem.

1 Disponível em: <[http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/livros\\_eletronicos/05092017-0647390](http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/livros_eletronicos/05092017-0647390)>.

2 Professor do Programa de Pós-graduação em Letras na Universidade Federal de Santa Maria.



O livro é estruturado em onze capítulos, além da Introdução, os quais delineiam o aprofundamento de estudos correspondentes ao período de 2001 a 2014, publicados em diferentes fontes, e que agora contribuem para a formação de uma unidade que dialoga com assuntos pertinentes aos dias de hoje. Tal como sugere o autor, o livro compete a qualquer área do conhecimento relacionada à discussão sobre a alteridade e estudos de gênero, raça e sexualidade, pois a literatura tem sido historicamente construída como dispositivo para a instauração e permanência de discursos e ideais hegemônicos.

Além da divisão estrutural por capítulos, o autor propõe uma divisão conceitual entre as discussões, que envolvem, na primeira parte, raça e gênero, e, posteriormente, acrescenta-se a dimensão da expressão sexual. Tendo em vista esta divisão do livro, esta resenha concentrar-se-á em dois capítulos ilustrativos do todo: “O indianismo revisitado: a autoria feminina e a literatura brasileira do século XIX” e “Corpo e gênero no romance oitocentista: Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha”. As narrativas resgatadas nesses capítulos assemelham-se pelo fato de terem sofrido fortes influências do projeto oitocentista de construção de uma identidade brasileira no período do Romantismo de primeira geração, assim como do ideal estético do Naturalismo, respectivamente.

No capítulo “O indianismo revisitado: a autoria feminina e a literatura brasileira do século XIX”, o primeiro da obra, encontra-se um corpus alternativo às principais narrativas que consolidaram o projeto estético e político de formação de uma identidade nacional brasileira, o Romantismo. As obras *D. Narcisa de Villar: legenda do tempo colonial pela Indígena do Ipiranga* (1865), de Ana Luísa Azevedo Castro, e *Gupeva: romance brasiliense* (1961), de Maria Firmina dos Reis, são trazidas de forma a dar visibilidade para escritoras mulheres que tiveram sua autoria deslegitimada no período literário em questão. Segundo o autor, nesse capítulo, os direcionamentos visam “problematizar as representações presentes em obras celebrizadas”, além de “questionar alguns dos parâmetros pelos quais certas obras são consideradas legítimas e relevantes, enquanto outras não o são” (ALÓS, 2017, p. 16). Nas duas narrativas são analisadas representações de mulheres e de sujeitos autóctones, enfatizando questões de raça, gênero, ideologia, nação e sujeito. As discussões desse capítulo apontam, ainda, entre outras questões, para a exclusão de populações negras do projeto estético e político incorporado pelo Romantismo.



As narrativas resgatadas nesse primeiro capítulo oferecem ao leitor uma perspectiva diferente sobre o período literário de meados do século XIX, pois rompem com os pressupostos e ideais que nortearam a produção literária no projeto civilizatório brasileiro. Por esse caminho, o autor contesta estereótipos cristalizados pelas narrativas tradicionais, que ofertam imagens que evidenciam “a mulher passional, o índio travestido de cavalheiro romântico, o negro preguiçoso e indolente” (ALÓS, 2017, p. 23). Em *D. Narcisa de Villar*, há uma denúncia da violência que marcou o processo colonial brasileiro, contrapondo a visão romântica e positiva do mito do idílico amoroso entre colonizadores portugueses e mulheres autóctones, assim como ocorre em *Iracema* (s.d.), de José de Alencar, cuja obra remonta ao nascimento de um sujeito miscigenado idealizado, representando metonimicamente o indivíduo brasileiro. Destoando alguns preceitos, *D. Narcisa de Villar* confere um final trágico ao envolvimento amoroso entre Narcisa (mulher branca) e Leonardo (mestiço). Em *Gupeva*, do mesmo modo, o amor entre Gastão, um jovem francês, e Épica, uma jovem índia, não se concretiza em virtude da fronteira racial existente. Para mais, no decorrer da trama, tais personagens descobrem que são meios-irmãos, fator que impossibilita a união e confere à narrativa um final trágico, visto que desencadeia a morte dos dois. Nesse sentido, tanto *D. Narcisa de Villar* quanto *Gupeva* atualizam convenções da estética literária do Romantismo. Elas oferecem um novo roteiro e uma atmosfera trágica para as narrativas indianistas, pois o amor entre os casais protagonistas das duas narrativas não se concretiza e, por consequência, não deixa descendentes. Outro aspecto que rompe com as tradicionais narrativas indianistas é a desmistificação da natureza, que não é paradisíaca e vista com exuberância, mas encarada como um elemento perigoso e ameaçador, ressaltando, dessa forma, o aspecto trágico.

No capítulo “Corpo e gênero no romance oitocentista: *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha”, o sétimo da obra, são analisadas as representações da homossexualidade nas últimas duas décadas do século XIX, período marcado por um vocabulário científico utilizado de forma a legitimar a produção literária. Uma das grandes questões levantadas pelo autor seria “Como o corpo é construído pela cultura? O que separa o corpo do “resto” não corpóreo?” (ALÓS, 2017, p. 139). De acordo com Anselmo Alós (2017, p. 140), analisar a temática da homossexualidade na narrativa de *Bom-Crioulo* (1895) sob a perspectiva de gênero e



sexualidade é pertinente porque o texto literário é também um artefato cultural que transmite valores, e as identidades e corpos representados são construídos discursivamente. Tomando os preceitos do Naturalismo como ponto de partida, o romance de Adolfo Caminha propõe uma interpretação psicológica de suas personagens, que representam tipos humanos, “o negro, o sodomita e a mulher masculinizada” (p. 140). Segundo o autor de *Leituras a contrapelo*, no romance de Caminha, a relação homossexual entre dois marinheiros, Amaro e Aleixo, só é concebida pelo motivo de se encaixar nos moldes de uma relação heterossexual aprovada socialmente (Aleixo figuraria o papel de mulher, possuindo traços físicos e comportamentais feminizados, destinado ao espaço privado e à passividade social). Do mesmo modo, a personagem Carolina, prostituta que cede o quarto de pensão para que ocorra os encontros entre Amaro e Aleixo, possui traços masculinizados e, por conta disso, ocupa um posto de importância social. Apesar disso, o autor salienta a importância da narrativa de Caminha, pois, ainda que timidamente, o romance concede abertura para que a subjetividade homossexual seja vista também como uma forma de amor, e não como algo perverso ou doentio.

De modo geral, as análises e discussões apresentadas por *Leituras a contrapelo da narrativa brasileira* (2017) distanciam-se da visão crítica empregada pelos estudos literários tradicionais, os quais privilegiam a narrativa como uma instituição fechada em si mesma, e que reúnem aspectos formais e de conteúdo que traduzem a obra em sua totalidade, desconsiderando aspectos exteriores ao texto. A partir de um corpus bastante heterogêneo de narrativas pertencentes a diferentes períodos históricos, Anselmo Alós oferece uma leitura pertinente aos dias de hoje, pois integra e articula variadas áreas do conhecimento, como, além da literatura, os estudos de raça, gênero e sexualidade, tornando possível repensar o papel da literatura na construção de discursos e ideais hegemônicos, conforme destaca o autor. A obra aqui resenhada presta sua contribuição para os estudos de literatura comparada, pois, dado que a literatura é também uma instituição responsável pela construção de bens simbólicos, as discussões nela apresentadas ampliam a visão sobre as narrativas analisadas, se desprendendo, assim, da visão expressa pelos estudos clássicos de Narratologia. Desse modo, ela contribui para a elaboração de um novo repositório de imagens através da literatura, reivindicando visibilidade



às escritoras mulheres e temáticas alternativas para sujeitos relegados à margem.

## Referências

ALENCAR, José Martiniano de. *Iracema: lenda do Ceará*. São Paulo: Ática, s.d.

ALÓS, Anselmo Péres. *Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade*. Santa Maria: UFSM, PPGL; [Brasília]: CNPq, 2017.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar: legenda do tempo colonial pela Indígena do Ipiranga*. 2. ed. Florianópolis: Semprelo, 1990.

REIS, Maria Firmina dos. *Gupeva: romance brasiliense*. In: MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*. São Luís: Imprensa do Governo do Maranhão, 1975a. p. 103-134.